

REVISTA

RETRATOS

2º EDIÇÃO



“ALGUNS FUNCIONÁRIOS APONTAM DIFICULDADES DE CONVÍVIO, O QUE ACABA SENDO UM DESAFIO ADICIONAL.”

“EU TOMEI MEU DESTINO NAS MÃOS E MEU EX-MARIDO TAMBÉM DECIDIU. EU SAÍ DESSE CASAMENTO COM TRÊS SAPATOS: DOIS NOS PÉS E UM NA BUNDA.”

ELA COMEÇOU A TRABALHAR, CONSEGUIU SE ESTABILIZAR E SER INDEPENDENTE DE NOVO.”

EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO

Jurani Clementino

EDITOR GERAL

DIAGRAMAÇÃO

Amanda Gabrielly

Maria Alzira

EDITORES DE TEXTO

Anna Karla

Ernanda Nóbrega

Jonas Souza

Nicolly Monteiro

Wanderson

FOTOGRAFIA

Camila Ferreira

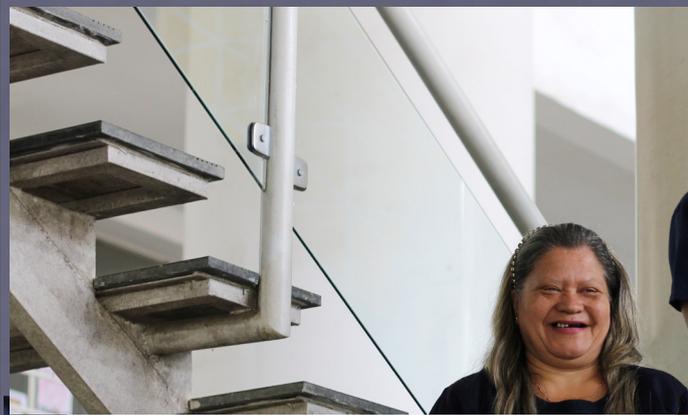
Italo Sena

Larissa Oliveira

Matheus Silva

Maria Alzira

Sara Alcântara





SUMÁRIO





36



46



54



64



40



50



58



68

LIMPEZA E COMPROMISSO: O TRABALHO QUE SUSTENTA O CAMPUS I

Revista Retratos celebra, na sua segunda edição, a contribuição essencial dos trabalhadores na manutenção, do campus I da Universidade Estadual da Paraíba.

POR: LETÍCIA PEREIRA DE BRITO

Somente na Central Acadêmica Paulo Freire, vinte pessoas fazem diariamente a limpeza e a manutenção do espaço. São homens e mulheres com idades que vão dos 20 aos 50 anos. Donas de casa, mães e pais de família, pessoas simples com uma trajetória de vida que envolve muita luta, sofrimento e resistência. Para conhecer melhor a história de vida desses trabalhadores, as turmas de Produção e Edição, do terceiro período e Jornalismo de Revista, do sétimo período, sob a orientação do professor Jurani Clementino, tentaram traçar o caminho percorrido por 13 profissionais da limpeza que atuam na UEPB. (nomes deles)

Quem coordena essa equipe é

Deise Luci Silva Cunha, assistente administrativa da Central de Aulas. Ela é o ponto de equilíbrio entre a equipe de limpeza e a comunidade acadêmica. Sua jornada é cheia de desafios e responsabilidades. “Na função de coordenadora, meu objetivo é organizar todas as demandas do prédio, tanto as estruturais quanto as de limpeza. Junto com os funcionários da empresa Alerta, faço o possível para que o ambiente esteja sempre limpo e bem organizado”, afirma ela.

Os deveres de Deise vão desde a criação de planilhas que definem os setores que cada auxiliar de limpeza atenderá, até a observação detalhada da realização das tarefas diárias. Ela também se encar-



clamações que chegam dos professores, alunos e técnicos são sempre levadas em consideração”, explica.

Entre os 20 colaboradores da equipe de limpeza da Central de Aulas Paulo Freire, 13 são mulheres e três homens no turno da manhã, e 3 mulheres e um homem no período da noite. Essa divisão de turnos e a quantidade de colaboradores permitem uma cobertura das áreas que precisam ser mantidas limpas, como as salas de aula, os espaços administrativos e de convivência e os banheiros.

Ainda que o trabalho seja organizado, a coordenadora e sua equipe enfrentam desafios diários. Ela menciona que a falta de um espaço adequado para que os auxiliares façam suas refeições e descansem é um dos principais pontos a ser melhorado. Além disso, a coordenadora destaca a importância de lidar com as relações interpessoais na equipe.

A empresa terceiriza-



rega de distribuir o material de limpeza e manter um canal aberto de comunicação com os funcionários. “É importante dialogar com todos para encontrarmos soluções que melhorem o convívio e as condições de trabalho. As sugestões e re-



da “Alerta”, é responsável por assegurar os direitos desses trabalhadores. Não há interferência direta da universidade A contratação ou demissão deles, as reclamações, os direitos trabalhistas – tudo é responsabilidade da empresa Alerta. Para isso, os fiscais da empresa terceirizada monitoram o cumprimento dos direitos trabalhistas e garantem que os termos acordados sejam seguidos. Eles verificam, por exemplo, se o número de funcionários solicitados

“ALGUNS FUNCIONÁRIOS APONTAM DIFICULDADES DE CONVÍVIO, O QUE ACABA SENDO UM DESAFIO ADICIONAL”, OBSERVA.

para determinadas funções está sendo cumprido e se as condições de trabalho estão de acordo com o que foi estabelecido em contrato. Esse papel é crucial para assegurar que os serviços prestados na universidade continuem funcionando sem problemas e em conformidade com a legislação.

O contrato de prestação de serviços é regido pela lei de licitações. A Lei 8.666, que determina que a empresa vencedora do processo licitató-



rio pode manter o contrato por até 60 meses. Com as mudanças recentes na legislação, o período de vigência desses contratos pode ser estendido por até 10 anos. No entanto, quando o contrato chega ao fim, uma nova licitação é realizada, e a empresa anterior pode participar novamente. Quando há uma troca de empresa, como ocorreu em 2020, quando a empre-



sa Alerta substituiu a empresa cearense CriArt, geralmente os funcionários antigos são desligados, recebendo todos os direitos trabalhistas. A nova empresa, então, pode optar por recontratar essa mão de obra, desde que os requisitos estabelecidos pela nova gestão sejam atendidos.



ANA CLÁUDIA

POR: LETÍCIA PEREIRA DE BRITO E MATHEUS ALVES PORTELA

Ana Cláudia foi nossa última entrevistada. Encontramos com ela no laboratório de fotografia, onde acompanhava um colega de trabalho durante a sessão de fotos. Vestida com um uniforme azul-marinho e um babuche preto, orientava o amigo sobre as melhores poses, fazendo-o rir. Perguntamos se ela gostaria de participar do ensaio, e, meio sem jeito, aceitou. Após a sessão, lá estava ela recolocando o cabelo no lugar, segurando a presilha na boca. Aproveitamos o momento para convidá-la a contar sua história.

Sentada na cadeira, Ana Cláudia começou a falar sobre suas origens. Nascida em Catolé do Rocha, no alto sertão da Paraíba, perto do Rio Grande do Norte, recebeu o nome de Ana Cláudia Lima de Freitas, escolhido por seu pai. Aos quatro anos, seus pais se separaram, e ela foi morar no Piauí e ser criada pela madrasta.

Aos 16 anos, Ana Cláudia mu-

dou-se para o Maranhão, onde começou a trabalhar como babá, cuidando de duas crianças. Um ano depois, teve um “lance” e engravidou. Teve o primeiro filho, Matheus. Sem muitas opções, entregou-o para ser criado pelo pai, que o levou de volta ao Piauí. “Quando deixei Matheus com meu pai, levei na esportiva. Não podia ficar com ele, não tinha nada, e tinha medo que alguém ruim o maltratasse.”

No Maranhão, Ana Cláudia aproveitou as belezas locais – praias, dunas, os lençóis de areia – e formou um novo relacionamento. Casou-se e viveu por 15 anos com essa pessoa, com quem teve dois filhos: Carlos Henrique e Bruna Quitéria. “Bruna é o nome de uma atriz, e Quitéria por causa da avó, mãe do pai dela.” Quando o casamento chegou ao fim, Ana Cláudia decidiu voltar para a Paraíba, mais precisamente para Campina Grande, cidade que antes apenas visitava para ver os parentes e levar os filhos para visitar a

avó biológica.

Saindo do Maranhão, Ana Cláudia trouxe consigo as melhores lembranças: as festas juninas com as índias bonitas e as celebrações típicas, além do mar. Também trouxe o desejo de começar uma nova história de amor. Aos 42 anos, ela vive um relacionamento com um colega de trabalho. “Eu o encontrei nas escadas do prédio, ele já trabalhava aqui. Ele me parou e pediu meu WhatsApp. Desde então, estamos juntos.” O relacionamento entre os dois já dura 3 anos.

Hoje, os filhos de Ana Cláudia são seu maior orgulho. Matheus, com 27 anos, é formado; Carlos Henrique, aos 20, já casou; e Bruna Quitéria, com 23, é mãe de dois filhos. Seu pai faleceu, mas ela mantém uma boa relação com suas “duas mães”, como costuma dizer, e com Matheus, que foi criado pelo avô.

Em 2020, ela colocou seu currículo na base da Alerta e foi chamada para uma experiência. Com boas recomendações dos colegas, retornou ao trabalho. A adaptação foi fácil, graças à sua comunicação ágil e sua habilidade de criar vínculos em novos ambientes. Hoje, ela se sente integrada, cercada por amizades e boas lembranças.

Ao final da conversa, Ana Cláudia levantou-se da cadeira, apoiando as mãos nos joelhos, e disse: “Agora vou voltar para a vassoura!” Em uma noite de outubro, mês das bruxas, essa frase ganha outro sentido: a vassoura canaliza sua potência, ajudando-a a varrer as dificuldades da vida, enquanto suas memórias de sorriso aberto revelam uma energia construída por muitas Cláudias em uma só. 🧹



HÉLIO FARIAS

POR: ÁLEF DINIZ, ÂNGELO BRITO, PIERRE TIBÉRIO

Era final de tarde no bairro da Glória, em Campina Grande, quando Hélio de Melo Farias, aos sete anos, sentiu o peso de sua primeira picareta. O sol que caía refletia nas pedras que ele quebrava na pedreira, sob a vigília silenciosa do pai. Aos 46 anos, Hélio ainda se lembra do som seco das pedras se partindo e da ausência das vozes infantis que ele nunca escutou — porque na sua infância não havia espaço para brincadeiras ou escola.

“Meu pai me puxou cedo”, lembra, sentado, com as mãos calejadas repousando sobre o colo. “Eu estudei só a primeira série. Depois, o trabalho chamou.” O chamado era urgente. Naquele tempo, a sobrevivência tinha pressa, e o sustento da família não se conquistava com livros, mas com mãos duras e braços dispostos. Seu pai o ensinou a alvenaria, e Hélio se-



guiu o caminho traçado antes mesmo de ele entender que havia outros caminhos. Calçadas, lajes, paredes erguidas e a vida em suspenso, sempre atrás de um tijolo ou outra obra.

Hoje, Hélio trabalha como auxiliar de ser-

viços gerais na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mas sua verdadeira identidade está cravada nas paredes que construiu como pedreiro. É um homem que aprendeu a viver entre a solidez do cimento e a fluidez dos sonhos. “Eu sou satisfeito com o que faço. Sustento meus filhos e procuro melhorar sempre”, diz, sem traço de arrependimento, mas também sem ilusão de grandeza.

Ele fala sobre seu cotidiano com a naturalidade de quem se acostumou ao ritmo. Sai de casa todos os dias às 11h30 e só retorna às 21h30, depois de cumprir sua jornada de quase 10 horas na UEPB, onde organiza e limpa salas de aula. Nos momentos de folga — curtos, apertados entre um turno e outro —, Hélio calça as botas de pedreiro e vai em busca de “bicos”, como chama os pequenos trabalhos que completam sua renda.

Hélio não mede a vida por dinheiro, mas pela constância com que luta para manter sua família segura. Casado, pai de quatro filhos, ele carrega consigo um desejo simples e inabalável: que eles não sigam seus passos. “Eu sempre falo pra eles: estudem, estudem para vencer na vida”, diz, com um brilho quase imperceptível nos olhos cansados. O mais velho, com 17 anos, já ouviu isso inúmeras vezes. O mais novo, de apenas quatro, ainda não entende o peso dessas pala-



vras, mas Hélio repete mesmo assim, como se, ao dizê-las, estivesse erguendo um muro invisível entre seus filhos e o destino que o cerca desde a infância.

Na mente de Hélio, sua casa é muito mais do que uma simples construção; é o símbolo de tudo o que ele quer deixar para trás e o que deseja alcançar. Entre o trabalho na UEPB e os serviços como pedreiro, ele junta materiais aos poucos, com a paciência de quem ergue, aos poucos, também os sonhos. Não há um projeto estrutural grandioso, mas há um plano desenhado na humildade e no desejo de oferecer um lar mais digno aos filhos. “Eu

quero um lugar em que eles possam crescer e estudar, sem preocupações”, ele diz, quase como quem fala de um refúgio, uma fortaleza onde as dificuldades da vida não entrem. Cada tijolo, cada parede, é mais do que concreto; é a realização silenciosa de um homem que, com o coração cheio de esperança, quer garantir que o futuro dos seus seja construído com alicerces mais firmes do que o que ele próprio teve.

Aos poucos, sua casa vai ganhando forma — não só a física, feita de tijolos e reboco, mas a metafórica, que abriga os sonhos. Hélio se preocupa em estar presente, mesmo que passe grande parte do dia lon-



ge. “Família é o mais importante”, afirma, e seu olhar se dirige ao futuro, a esse lugar intangível onde ele não estará com uma pá nas mãos, mas onde seus filhos, ele espera, erguerão algo maior do que ele pôde construir.

Mas a vida, para Hélio, nunca foi só sobre o que se sonha. Entre as pedras que quebrou na juventude e as que ainda carrega como pedreiro, ele sabe que o mundo não é gentil. “Sempre tem alguém querendo te derrubar”, comenta, com um sorriso contido, como quem já aprendeu a não esperar facilidade. “Mas a gente vai ultrapassando essas barreiras, conquistando nosso espaço.”

A resiliência de Hélio é quase palpável. Ele não se preocupa em ser reconhecido; quer apenas continuar. Seu maior desejo é simples

e direto: “Quero um lar melhor para meus filhos”. A palavra “lar” aqui não significa apenas paredes ou teto. É o símbolo de um futuro onde as pedras que ele quebrou fiquem para trás, onde seus filhos possam construir algo novo, mais leve.

“EU SOU SATISFEITO COM O MEU TRABALHO, MAS QUERO QUE MEUS FILHOS TENHAM ALGO MAIS. O ESTUDO É O CAMINHO”, AFIRMA, COM UMA CONVICÇÃO QUE SÓ QUEM VIVEU A DUREZA DO CHÃO PODE TER.

A educação, que ele não teve, é o alicerce sobre o qual sonha levantar esse futuro.

Hélio não pede muito para si. Ele aprendeu a ser feliz com o que tem, entre a universidade e os bicos, entre a poeira das horas e os pequenos momentos de satisfação que a vida lhe oferece. Mas o futuro, esse ele guarda para os filhos. E acredita, com a fé simples dos que nunca perderam a esperança, que seus esforços, um dia, darão frutos.

Ao ouvir Hélio, é fácil perceber que o que ele constrói com as mãos é apenas uma parte da história. A outra parte, invisível aos olhos de quem passa por ele nas ruas ou na universidade, é feita de sonhos — tão duros quanto as pedras que ele partiu na infância, tão frágeis quanto as esperanças de quem deseja, acima de tudo, um amanhã melhor para os que ama.

FRANCINEIDE VIDAL

POR: NATHALYA ARAÚJO E EDUARDA PAZ

Francineide Vidal Silva é uma mulher sonhadora que aos 52 anos tem uma história emocionante de superação. Natural de Campina Grande, nascida e criada no bairro do Quarenta, Neide, como é conhecida, cresceu em um lar rígido. É a terceira mais velha de 11 irmãos. Seu pai, Francisco Félix, sempre foi uma figura distante em sua vida, ao contrário de sua mãe, Maria José, que sempre lhe nutriu um chamego muito grande. Filha de pais fumantes e alcohólatras, Neide seguiu os mesmos passos, co-

meçando a fumar aos 12 anos. Esse vício a acompanharia por muitos anos, até que um voto de fé em Cristo e uma determinação inabalável, a faria deixar o cigarro para trás. Mais do que vencer o vício, Neide construiu seu próprio caminho e caráter, se redescobrimdo ao longo da vida.

Uma jovem estudiosa que ainda mantém lembranças vividas de seu primeiro dia de aula. Com entusiasmo, ela nos transporta para seu primeiro dia no primário, nos relatando com emoção todo o medo e angústia que sentiu quando viu sua



mãe sair da sala. Neide também nos conta que uma das poucas lembranças felizes de sua infância foi a de um beijo cinematográfico protagonizado por seus pais em uma manhã de véspera de ano novo. Porém, nesse mesmo dia, Nei-

de também guarda o luto pela perda de um grande amor, que nem em seus piores pesadelos poderia imaginar: a morte de sua mãe. Um acidente de carro vitimou seus pais após deixarem um casal de amigos em casa durante a noite. O carro do

casal ficou preso sob as ferragens de um ônibus. Maria José, mãe de Neide, morreu na hora.

Após três meses da morte de sua mãe, Neide fugiu de casa. Com angústia, ela afirma que não suportava mais a desconsideração de seu pai, e com apenas dezessete anos se viu perdida em meio a dor do luto e as humilhações de sua nova rotina doméstica. A jovem teve que arcar com todos os afazeres da casa mesmo não tendo experiência. Quando saiu de casa, foi acolhida por dona Nedina, uma senhoriinha que a deu um teto durante o período de luto. Com o passar do tempo, a acolhida teve seu preço: o que começou como um refúgio, se transformou em um fardo que pressionava sua liberdade. Em 27 de novembro, recém-completados seus 18 anos, ela se encontrou diante do impasse. En-



tre a gratidão à senhora que tanto a ajudou e o desejo de se libertar, Neide sentiu que aquele ambiente já não a abraçava como antes. E assim, mais uma vez, decidiu fugir, desta vez buscando refúgio na casa de sua irmã mais velha, Albiege, numa tentativa de encontrar um novo começo longe das sombras que insistiam em cercá-la.

A caminho do bairro de Santa Rosa, Neide se viu perdida no meio de uma cidade, em que a escuridão da madrugada lhe acolheu. Descansou sua cabeça sonhadora numa calçada, permitindo pela primeira vez que seus sonhos alcançassem o chão. Na manhã do dia seguinte, ainda exausta da noite anterior, Neide seguiu seu caminho para casa de Albiege, onde foi recebida com muito zelo pela sua única família. Neide, nos afirma com lágrimas no olhar que ela

“Era um anjo na terra”. Na figura de sua irmã, ela encontrou o conforto de uma alma generosa, que a acolheu em sua fragilidade, iluminando os caminhos escuros pelos quais ela ainda precisava passar.

Albiege sempre esteve ao seu lado, a aconselhou, abrigou e, o mais importante de todos, a amou com todo amor do mundo. E foi

COM UM AR DE RISO, ELA NOS CONTA QUE NÃO SABE AO CERTO QUANTO ERA O SEU SALÁRIO DA ÉPOCA, SÓ SE LEMBRA DE COMO O USOU PELA PRIMEIRA VEZ: “COMI FOI PASTEL COM O DINHEIRO ‘TODINHO’”.

através de todo esse carinho e amor que Neide conseguiu se estabilizar e arrumar o primeiro emprego in-

formal como babá.

Ela exclama ainda sorrindo as suas lembranças de uma “molecota” inocente. E mesmo já sendo adulta, ainda guarda no peito os valores daquela menininha que ia para igreja evangélica com a avó todos os domingos religiosamente.

Segundo o mestre Luiz Gonzaga: quando a menina enjoa da boneca, é sinal que o amor já chegou no coração. E o coração puro de Neide se viu cheio de novas emoções. Seu estômago estava lotado de borboletas. Ela tinha conhecido sua primeira paixão. Everaldo, com quem foi casada por 22 anos e com teve 3 filhos, Jéssica, Valesca e Thiago. Porém, uma paixão mesmo que avassaladora não se equipara ao amor verdadeiro.

O primeiro casamento de Neide foi marcado por dificuldades desde sua concepção. Os sinais demonstra-

ram a unilateralidade dos sentimentos do casal, já que Neide teve de tomar todas as decisões importantes para a criação de um lar. Da saída da casa de seus pais até o nascimento de sua primeira filha, ela se colocou à frente e assumiu todos os papéis: mãe e pai.

O único compromisso que seu parceiro cumpria era o de provedor. O ex-companheiro era quem mantinha a casa, talvez por obrigação, talvez por orgulho. No final das contas, ela se manteve nessa ilusão por muito tempo por causa dos filhos e das dependências que criou com durante as duas décadas que estiveram juntos. Apesar de todos os males que Everaldo causou a Neide, ele também lhe deu uma família, que é sua maior alegria. Seus seis netinhos fazem seu coração palpitar mais forte. São seus “Bacurinhos”, suas alegrias



diárias. Laura, Bryan, Anthony, Kayla e o casal de gêmeos Ian e Yandra. São o futuro em que o amor de dona Neide encontra abertura para redimir o passado.

ELA COMEÇOU A TRABALHAR, CONSEGUIU SE ESTABILIZAR E SER INDEPENDENTE DE NOVO.

Tudo tem seu propósito. E assim como a paixão apareceu repentinamente, ela também se foi na mesma velocidade. O sentimento

foi extinto e o peso das decisões tomou a leveza das carícias do tempo de namoro. Essa paixão a tomou muitas coisas: sua autoconfiança, sua coragem, seus sonhos e sua vontade de sonhar também. Os anos seguintes foram anos cruciais para a vida dela. O relacionamento acabou e ela teve que se virar sozinha.

“Passou o tempo, me divorciei e um dia eu aprendi a andar com minhas próprias pernas. Eu pensava que dependia dele para tudo. Eu me achava

muito incapaz. Depois do divórcio eu me mudei, mas não pagava aluguel, pois dependia das minhas duas filhas”. Depois desses maus bocados, ela recebeu uma proposta de seu ex-cunhado para vir trabalhar na equipe de limpeza da Universidade Estadual da Paraíba. Há nove anos ela vem se mantendo assim. Alguns meses depois da nova jornada, Neide passou por mais um processo difícil: seu irmão Erivaldo veio a falecer. E com o curto período de um mês e meio, a sua outra irmã Albiege também faleceu.

Nessa época, ela que já vinha tentando dar uma segunda chance ao amor, conheceu Patrício. Os dois se encontraram através dos caminhos da vida e Neide se emociona ao falar desse momento da sua jornada. Ela conta que se não fosse por seu amado, ela

com certeza não teria aguentado tanto sofrimento.

Com um filho pequeno, trabalhando

“SE EMOCIONA AO FALAR DESSE MOMENTO DA SUA JORNADA.”

e ainda ajudando seu irmão no hospital, ela não teve tempo de sentir o luto pela irmã. Justamente nessa época, ela descobriu que em meios às tribulações existe esperança. Pois seu, até então, pretendente, se ofereceu para cuidar de seu filho e de sua casa enquanto Neide estava trabalhando. Patrício, que trabalhou e ainda trabalha como vigilante, depois das noites de trabalho seguia direto para a casa de Neide,

para preparar o café da manhã e levar Thiago para a escola.

Mesmo após todas essas provas de amor, os filhos de Neide ainda têm um pé atrás com a relação dos dois. Por Patrício ser semi-analfabeto, eles acreditam que a mãe merece alguém melhor. Neide acredita que eles tenham medo por causa da sua relação amorosa do passado, mas eles se enga-



nam ao pensar assim. Ela é muito feliz com seu relacionamento e diz que ficará mais feliz quando realizar seus dois maiores sonhos: ser enfermeira e conhecer Petrolina.

Quanto a ser enfermeira, o sonho não é novo. Brotou na sua infância, e como uma sementinha foi germinada através do tempo. Ela franze as sobrancelhas para enfatizar a importância do que quis nos dizer. Neide cultivou esse sonho desde muito pequena

quando a mãe fez uma pequena cirurgia e ela, mesmo muito jovem, ficou encarregada dos cuidados. Desde então quando lhe perguntavam “o que você vai ser quando crescer?” ela já tinha a resposta na ponta da língua:

“EU SOU ENFERMEIRA.”

Esse sonho pode ter sido atrasado pelos obstáculos que apareceram na sua vida com o decorrer do tempo, mas jamais será esquecido. E, logo em breve, será realizado.

Francineide Vidal Silva é uma mulher guerreira, determinada, persistente, forte e sonhadora, como se auto descreveu. Mas Neide é muito mais que isso. Esses simples adjetivos não a definem por inteiro, porque jamais seriam o suficiente para abran-

ger o quão importante ela foi na vida de seus filhos como mãe, pai, amiga, companheira, conselheira e como refúgio. E mesmo após todo o sofrimento que passou, Neide ainda continua pura, como a “molecota” que sempre foi.

Por fim, seus tempos de bonança chegaram. Hoje diz viver sua melhor vida, estando firme nos caminhos do senhor e de volta à sua casa. Francineide amou e nessa longa jornada aprendeu a amar. Apesar de todos os percalços, se manteve de pé e construiu seus próprios caminhos. O tempo agora é seu maior aliado, provando que em toda dor existe uma alegria. E é assim que Neide abre mais uma janela para felicidade, seguindo seus princípios, com coragem e ousadia, e amando como Jesus amou aos seus. ✨



CARLA BEZERRA

POR: CRISTIANE SALES E GUSTAVO ALEXANDRE

Dona de um sorriso encantador e uma história cheia de pontos e vírgulas, Carla Bezerra Tavares, de apenas 32 anos, carrega consigo uma vida cheia de memórias. Natural do sítio Santo Isidro, divisa entre Campina Grande e Puxinanã, Carla construiu momentos que marcaram sua infância, adolescência e vida adulta para sempre. Recorda que, ainda menina, buscava lenha com sua avó e parava debaixo de um pé de hibisco vermelho, em ban-

quinhos construídos pelo seu avô, para ouvir histórias.

‘AS MEMÓRIAS MAIS CALOROSAS E SIGNIFICATIVAS, QUE, AGORA, FICAM GUARDADAS DENTRO DE SEU CORAÇÃO’.

Com apenas sete anos de idade, seus pais se divorciaram e apesar da ausência e saudade, o alívio tomou conta da casa. Sua mãe, Valdilene Bezerra de Lima, sofreu por muitos anos com um marido alcoóla-

tra e abusivo. Colocar um ponto final nessa relação foi uma tarefa desafiadora, principalmente porque, além de sua vida, Valdilene estava envolvendo três filhos. Mesmo após a separação, o pai de Carla tentou se reaproximar da família, embora não demonstrasse nenhum sinal de mudança ou arrependimento, apenas palavras vazias jogadas ao vento, quando o que mais precisavam era sua presença e carinho paterno.

Às vezes achamos que o significado de paixão é resumido aos amores românticos. Mas a paixão e os amores de



fiador, já que desde o Ensino Fundamental, até a conclusão de seu ensino médio, precisava caminhar durante uma hora, por três quilômetros a pé até a escola, que se encontrava no bairro do Jenipapo. Mesmo com os diversos obstáculos, como a falta de livros, materiais e até roupas, seguiu seu trajeto e terminou seu ensino aos 18 anos. Cobiçava uma vida universitária. Não só por si, mas também por sua mãe. Chegou a tentar o vestibular duas vezes, mas sua entrada na universidade se deu pela necessidade do trabalho e não por uma realização pessoal/familiar. Carla precisava arrumar um emprego e foi assim que iniciou sua caminhada pelos corredores da Universidade Estadual da Paraíba. Dessa forma o interesse pela faculdade foi adiado.

Há treze anos trabalha como funcionária

nossas vidas vão além do que se pode explicar e visualizar. Valdilene é a maior paixão de Carla, aquela que sacrificou tanto de si pelos filhos e abriu mão de tantas coisas para cuidar e oferecer o seu melhor para que eles fossem felizes.

Sua mãe nunca teve a chance de continuar os estudos porque o pai não permitia. Quando mais nova, ainda dentro daquele ciclo, não teve a devida chance de estudar, e hoje, desejava ver seus filhos

formados, desejo esse que recaiu em Carla, que ansiava por oferecer esse privilégio e permitir que ela sentisse por eles o que nunca pôde sentir por si mesma.

Sendo a filha mais nova, ajudava seus dois irmãos, Valéria e Marcel, a cuidarem de si, enquanto Valdilene trabalhava, o que ocasionou em uma responsabilidade para fazer mais e ajudar mais.

Sua jornada estudantil não foi fácil e finalizar os estudos foi desa-

na UEPB e há treze anos vive uma história de amor com seu colega de trabalho, Josenilo, de 56 anos. Mesmo que o tão sonhado “amor à primeira vista” seja considerado um mito, Carla afirma ter vivido e sentido as borboletas no primeiro olhar, como se tudo acontecesse por uma razão, porque tinha de ser. Assim que colocou os pés na Universidade e se deparou com seu futuro parceiro, o amor tomou conta dos dois, que iniciaram sua história imediatamente. No começo não foi fácil, a mãe de Carla não aprovava o relacionamento, devido a grande diferença de idade, 23 anos os separavam. No entanto, o amor foi mais forte e com o tempo sua mãe cedeu, abrindo as portas para esse romance. Carla também enfrentou momentos árduos com seu parceiro, que tinha o hábito de beber e foi incisiva: ou ficava com

ela, ou seguiria com uma vida livre, sem sua companhia.

**“VIROU UM SONHO
GUARDADO NA
GAVETA, ESPERANDO
O MOMENTO EM QUE
SERÁ PUXADO PARA
FORA E LIBERTADO.”**

Carla temia que esse ciclo vicioso das mulheres de sua família se repetisse. Sua avó sofreu com o marido alcoólatra e abusivo, sua mãe e tias também. Foi aí que, aos 20 anos, saiu do sítio para a cidade grande e agitada pela primeira vez, dando início à sua nova fase. De imediato, foi morar com seu então namorado. Começou a construir sua vida e sua nova história. Dessa vez, longe das lembranças do pai e da zona rural. Sair de casa pela primeira vez foi uma decisão sem arrependimentos, pode até saber a trilha de volta e visitar sua família oca-

sionalmente, mas as lembranças agora são parte de sua memória. Guardada dentro de seu coração se mantém aquela garota, mas agora, como mulher crescida, iniciava seu próprio livro.

Hoje, ainda anseia por terminar os estudos e fazer uma faculdade. Pretende cursar Serviço Social. Apesar da determinação e anseio, os afazeres a impedem de dar o primeiro passo. A verdade é que apesar do desejo em prosseguir para uma formação, segue adiando, esperando a hora certa...

Viver entre os corredores de uma universidade, tão perto, mas tão distante de seu diploma, é um dilema sem fim, mas não a desmotiva, traz cada vez mais disposição. Sonhadora e determinada, Carla segue esperando o momento certo, em que se tornará estudante universitária. 



ALERT
CONSERVAÇÃO
FONE: 0800 55...

SOCORRO CAETANO

POR: JOBSON MELO, DAVID HENRIQUE E YURE FONTINELE

Maria do Socorro Sousa Caetano, nasceu em 15 de abril de 1973, no bairro Cruzeiro, em Campina Grande, Paraíba. Sua jornada começou cedo, com apenas noventa dias de vida, quando seus pais, Jorge e Tereza Cristina, se mudaram para Salvador, na Bahia, especificamente para o bairro Beiru, hoje conhecido como Tancredo Neves. Seu pai trabalhava como chefe de oficina de máquinas pesadas na antiga Odebrecht, o que permitiu à família

uma vida confortável. Com isso, Tereza dedicou-se exclusivamente aos cuidados do lar e de Socorro.

“A INFÂNCIA DE SOCORRO FOI REPLETA DE AMOR E CARINHO.”

Seus pais a proporcionaram uma educação sólida, além de brinquedos e guloseimas. Aos três anos, tornou-se a irmã mais velha com a chegada de Joaneide, um momento marcante em

sua vida, mesmo que ela fosse ainda pequena para compreendê-lo totalmente.

Com o passar do tempo, a saudade da família e as dificuldades econômicas fizeram seus pais retornarem à Paraíba. Aos 12 anos, a família voltou para Campina Grande, onde seu pai fundou sua própria empresa de manutenção de máquinas pesadas. A família cresceu e, dois anos após o retorno, Tereza teve seu terceiro filho, Jorge Luís. A felicidade parecia plena até que a tragédia bateu à porta: Tereza foi diagnosticada com câncer de mama.

Aos 15 anos, Socorro enfrentou essa dura realidade. Sua mãe, relutante, demorou a aceitar o tratamento, e após um ano, foi internada na Fundação Assistencial da Paraíba, onde finalmente iniciou o tratamento. No entanto, a situação tornou-se crítica e os médicos não tinham esperanças. Socorro, unindo forças com sua avó, montou uma espécie de enfermaria em casa, mas isso a levou a deixar a escola e a reprovar na 8ª série.

Após a morte da mãe, aos 33 anos, a vida de Socorro mudou radicalmente. Ela se viu obrigada a assumir responsabilidades adultas, cuidando de seu irmão mais novo e da casa, enquanto tentava retomar seus estudos. Com a ajuda de seu pai, conseguiu con-

cluir o ensino fundamental e começou a trabalhar, graças a uma indicação de uma amiga.

Aos 16 anos, Socorro conseguiu seu primeiro emprego em uma indústria de confecções. Lá, conheceu Francisco, seu primeiro marido.



amor. Eles se casaram em 1990, mas a felicidade rapidamente deu lugar a desilusões. Mudaram-se para Petrolina, Pernambuco, onde Socorro começou a perceber as traições de Francisco, que não a respeitava. Mesmo assim, acreditava que a chegada de seu primeiro filho, Ramon, mudaria a dinâmica do casamento.

Infelizmente, a expectativa se transformou em frustração. Após um ano do nascimento de Ramon, o casamento desmoronou, levando Socorro a retornar para Campina Grande. Ela enfrentou o divórcio com coragem, decidida a reescrever sua história.

Após enfrentar grandes desafios, Socorro se reergueu e começou a reconstruir sua vida, tijolo por tijolo. Desde cedo, ela criou seu fi-

lho sozinha, oferecendo amor, atenção e dedicação.

Nordestina destemida e cheia de esperança, Socorro buscou trabalho incansavelmente, passando por diversas empresas até encontrar uma oportunidade em uma rede bancária, onde abriu contas e vendeu seguros. Sua perseverança a levou a novas experiências, incluindo a venda de roupas, joias, perfumes e até uma passagem por um hospital no setor cirúrgico.

Com o passar dos anos, Socorro não conseguiu avançar nos estudos universitários. A falta de tempo a impediu de ingressar na faculdade, e, apesar de sua força e determinação, acabou abrindo mão de seus próprios sonhos em função do seu antigo casamento. Seu ex-marido a impediu de estudar, resultando apenas na conclusão do ensino

médio. Hoje, ela reflete sobre as oportunidades que perdeu.

Após retornar à Campina Grande, Socorro decidiu buscar um novo caminho. Sua vizinha Glória, a informou sobre uma seleção para serviços gerais na

“EU TOMEI MEU DESTINO NAS MÃOS E MEU EX-MARIDO TAMBÉM DECIDIU. EU SAÍ DESSE CASAMENTO COM TRÊS SAPATOS: DOIS NOS PÉS E UM NA BUNDA.”

UEPB (Universidade Estadual da Paraíba). Socorro se inscreveu e, após ser aprovada, começou a trabalhar como auxiliar de serviços gerais, cargo que ocupa há 15 anos.

Ela se orgulha do seu

trabalho, responsável por manter a limpeza e a organização do ambiente, e valoriza as amizades que cultivou ao longo do tempo.

“É um lugar muito bom de trabalhar! É um serviço diário e rotineiro, mas gratificante. O pessoal chega e está tudo limpo e organizado.”

Após conseguir o emprego, Socorro viveu um período sozinha, dedicando-se ao trabalho e ao cuidado de Ramon. Essa escolha foi dela, buscando um tempo para se recuperar do primeiro casamento.

Enquanto se adaptava à nova vida, conheceu Cláudio, seu vizinho caminhoneiro, que a conquistou com sua simplicidade e honestidade. O relacionamento floresceu rapidamente, e, ao se sentirem prontos, decidiram se casar e formar uma nova família. Após seis anos de

união, Socorro ficou grávida de Claussiodoro, o caçula.

O nascimento de Claussiodoro trouxe nova alegria à família, que já incluía Ramon. Cláudio, que também tinha uma filha de seu primeiro casamento,

acolheu Ramon como filho, solidificando ainda mais os laços familiares. Socorro sentia-se realizada, finalmente concretizando seus desejos.

“Meu segundo relacionamento deu certo porque não temos

traições e ciúmes doentios. Ele acolheu Ramon como filho, e isso me faz muito feliz.”

Com 26 anos de casados, Socorro e Cláudio cultivam um relacionamento saudável e respeitoso, construindo uma família unida.

Seus filhos, Ramon, de 30 anos, mecânico automotivo, e Claussiodoro, de 20, motorista de aplicativo, já estão casados e vivendo suas próprias vidas.

A matriarca não abre mão de reunir a família para celebrar a vida. Com muito amor no coração, ela faz questão de valorizar cada momento juntos.

“As pessoas mais importantes da minha vida são meus filhos e meu esposo. Nos finais de semana, sempre encontro meus filhos.”





JOSÉ ANDRADE

POR: EDUARDA ALVES OLIVEIRA E MARIA EDUARDA SILVA ARAGÃO

José Andrade de Araújo Júnior nasceu em 14 de novembro de 1981, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Liberdade é o nome do bairro em que foi criado, mas a vida lhe apresentou mais desafios e privações do que a liberdade de uma infância repleta de aventuras. Sendo ele o filho caçula de uma família com nove irmãos, José cresceu com compromissos que logo tomariam o lugar das brincadeiras e dos cadernos da escola. Com apenas 12 anos, ele já estava inserido no mundo laboral, enquanto outras

crianças da sua idade corriam pelo bairro e compartilhavam o que estudavam. José precisou abandonar a escola na 6ª série, trocando o lápis e caderno pela responsabilidade de ajudar em casa.

Lembra ele, com um semblante que carrega anos de uma luta silenciosa.

“EU ERA MUITO NOVO, MAS TINHA QUE TRABALHAR PARA SUSTENTAR A FAMÍLIA”

Helena, sua mãe, era o alicerce dessa casa. Uma mulher que se tornou forte não por escolha, mas por imposição de uma dura vida. Ela resistiu aos anos de agressões e autoritarismo do marido e sustentou os nove filhos sozinha. O pai de José era um homem rígido e agressivo com a sua mãe, e as marcas dessa violência- embora José não as tenha gravado com os próprios olhos- estavam no sofrimento sussurrado e no silêncio que decorava as paredes da casa. “Eu era muito jovem para ver o que acontecia, mas, quando cresci, ele não



bateu mais nela, porque eu não deixava”, conta, com a obstinação de quem cresceu cedo demais.

O genitor, cuja morte em 2010 foi trágica – atropelado por um carro –, deixou uma profusão de sentimentos. Não existia ódio, mas também não existia um luto tradicional. Alívio? Quem sabe? A ausência do seu pai, mesmo em vida, sempre foi maior do que a sua tensa presença. A morte foi uma traves-

sia do que realmente ele representava para a família e, principalmente, para José, que carregava as marcas dessa conturbada relação durante todos os seus dias.

“O IMPACTO DE TUDO ISSO MOLDOU OS DIAS DE JOSÉ.”

Em 2012, na tentativa de mudar todo um ciclo de dificuldades,

ausências e memórias de uma dura realidade, e de encontrar novas oportunidades profissionais, José decidiu recomeçar a sua história na cidade de São Paulo. Cheio de sonhos e expectativas, ele deixou a Paraíba, seu estado natal, com a esperança de escrever um futuro com novas cores e nuances. Mas São Paulo, com a crueza da sua realidade, também trouxe desafios bem maiores do que os esperados

por José. “Cheguei lá com R\$8.000, mas voltei liso”, lembra, sobre os altos custos de viver na cidade. Lá no Capão Redondo, num quartinho pequeno onde mal cabia uma cama e um fogão, José começou a reescrever os dias. As contas já não conseguiam se equilibrar, seja na função de pedreiro, servente de pedreiro ou eletricista. O aluguel de R\$400 consumia a maior parte do dinheiro que ganhava, e toda aquela promessa de uma vida mais fácil foi se desfazendo diante dos seus olhos, em um cotidiano marcado – mais uma vez – por inúmeros desafios.

São Paulo foi, para José, um lugar de mudança e crescimento. O acolhimento esperado nunca chegou, mas o ajudou a perceber o valor da família e de cultivar as suas raízes. “A vida lá era só trabalho, e mesmo assim o dinheiro nunca so-

brava”. Depois de três meses longe da Paraíba, o chamado familiar se tornou mais forte. Sua mãe, Helena, havia sofrido um acidente e quebrado o fêmur. Sem titubear, José voltou à Paraíba para cuidar dela.

“FUI FALAR COM ELA E LEVEI UM TOCO, NÉ? MAS NÃO DESISTI. FIQUEI INSISTINDO E, HOJE, ESTAMOS AQUI, CASADOS”.

Sendo um filho homem e o caçula dentre os irmãos, ele acolheu com naturalidade a missão de cuidar da mulher que o gerou, mesmo que isso pudesse parecer estranho aos olhos dos outros.

“A maioria dos meus irmãos está por aqui, mas cada um tem sua vida. Eu e minhas duas

irmãs é que assumimos essa tarefa”, explica José, com a certeza de que fez o certo. A casa de Helena, sua mãe, agora sob seus cuidados e de suas irmãs, tornou-se o cerne de sua vida, e José, que voou longe em busca de novas oportunidades, percebeu que sua missão sempre esteve aqui na Paraíba.

O amor que José não encontrou na relação dos pais, sempre o acompanhou e teve o seu nome na boca. Foi exatamente no retorno à Paraíba em que esse amor resolveu chamá-lo pelo nome e lhe apresentou Maria Elisabete, que se tornou a sua esposa.

O sorriso brota sem esforço algum ao lembrar desse encontro e de tudo o que passou até chegar aqui. José e Maria se casaram e continuam construindo uma vida juntos. O casal não compartilha apenas a vida matri-

monial, mas a rotina de trabalho na Universidade.

José divide o tempo entre trabalhar na UEPB com a esposa, o cuidado com a mãe e as tarefas do seu lar. São mais de 90 salas para manter em ordem, mas José encontra nas amigadas da Universidade uma leveza para os dias de trabalho. “Gosto de estar lá, conheci muitas pessoas boas, e o ambiente é muito acolhedor”.

José e Maria, como tantos brasileiros, sonham com a casa própria, um lugar onde possam viver os planos que estão no papel e escrever novos; criar um cachorro chamado bobby e, quem sabe, um dia, criar seus filhos. “Ainda não temos filhos, mas quero me planejar bem antes disso”, diz ele.

Depois de tanto cuidar dos outros, José busca recuperar algo

que ficou pelo caminho: cuidar de si e voltar com os estudos que lhe foram tirados na infância. De volta à escola pelo EJA, José segue escrevendo o futuro que deseja, negando a sentença que um dia tentaram impor em sua vida. A história dele reverbera para além dos corredores da UEPB, em um país onde tantos Josés têm suas infâncias negligenciadas e são apresentados às privações e violências desde cedo. O destino foi gentil e ele subverteu às duras sentenças que o aguardavam. O amor o encontrou, suas raízes o sustentaram e sua fé o mantém com os olhos em um futuro de paz.

Assim, segue José, entre as raízes e os sonhos, sendo agora o protagonista da sua história, tomando as rédeas do cotidiano e acreditando no melhor que virá.







INALDA SANTOS

POR: ANA BEATRIZ, JULIANA, THAMIRIS

Inalda Raimundo dos Santos mal vê a hora de se aposentar. Não por causa do emprego que ocupa no momento, mas sim,

por cansaço. Esse cansaço físico e emocional que domina seu corpo castigado pelo tempo e pelas experiências de vida. Trabalhando des-

de os 12 anos de idade, não é para menos que sonhe com o dia de se livrar de suas responsabilidades.

“Ah, eu queria assim,



olha... me aposentar. Ficar deitada em uma rede, na beira do mar, comendo peixe. Uma vidinha bem boa. Sem se preocupar com nada. Principalmente com o horário.”

Filha mais velha da dona de casa Lindomar Raimundo dos Santos e do pedreiro José Manoel dos Santos, nasceu em Queimadas em 6 de junho

de 1967. Teve a sua infância mudada após um acidente de trabalho do pai. Com o pai incapacitado e acometido por surtos psicológicos, Nenê - como é comumente chamada - com apenas 12 anos na época, foi retirada da escola pela mãe para começar sua jornada de trabalho para ajudar a família.

Seu primeiro emprego foi intermediado pela mãe que, ao conhecer uma mulher dona de sítio que necessitava de auxiliar de limpeza, apresentou sua filha para o serviço na zona rural de Queimadas. Com uma montanha de pratos sujos a lhe assombrar e uma pia erguendo-se como um gigante silencioso, Nenê, tão pequena que era, precisava de um banquinho para alcançar o cume das louças. Ali entre espumas, suas mãos delicadas e frágeis, tocavam o uni-

verso doméstico.

“Nessa casa, eu continuei ficar mais de um ano. Eu não fiquei mais, porque o marido dela começou a me descobrir durante a noite, me alisar...”. Nenê entendia que aquilo não era algo legal. Se sentia vulnerável, pois era muito jovem e vivia praticamente na casa dos patrões - uma vez que sua mãe só lhe buscava a cada oito dias. Cansada daquela situação de assédio, Nenê desabafou com a sua mãe, contando tudo o que estava acontecendo e pedindo demissão.

Na infância, Inalda sonhava em ser educadora. A professora de história Maria José de Moura, foi quem a inspirou. Inalda lamenta não ter concluído seus estudos; ela estudou até o primeiro ano do ensino médio. Fala com convicção que fez e faz de tudo para que

seus filhos 'hoje' não sigam o mesmo caminho e que sempre priorizem a educação. Ao comentar sobre seus estudos, um semblante reflexivo e pesaroso acomete o seu rosto, pois ela sabe que a sua vida poderia ter tomado um rumo diferente se tivesse corrido atrás do ensino: "Já estaria formada, lecionando e com mestrado."

Aos 17 anos, Inalda trabalhou pela primeira vez com carteira assinada. Durante seis anos trabalhou com montagem nas Alpargatas. Depois, aos 23 anos, deixou a Paraíba para tentar a vida no Rio de Janeiro. Lá encontrou o seu atual marido, Joselito Maciel de Souza, com quem é casada há 32 anos. Ele também é paraibano e de Queimadas. Moravam no mesmo sítio e se conheciam desde a infância. No Rio de Janeiro, ela passou a tra-

balhar como auxiliar de limpeza e ele como porteiro.

Em 1992, já casada, Inalda decidiu se mudar para Brasília para tentar uma nova oportunidade, já que sua vida pelo Rio de Janeiro não havia dado certo. Um ano depois teve seu primeiro filho, Bruno. Nenê relata que esse foi um dos momentos mais marcantes da sua vida. Em Brasília ficou por 12 anos e teve seus dois outros filhos: Luana e Luan. Passou por muitas dificuldades devido ao alto custo de vida e por isso retornou à Paraíba em 2002.

Trabalha na Universidade Estadual da Paraíba desde 2014. Entrou pela empresa Alerta graças a recomendação de uma amiga próxima. Para ela, durante todos esses anos a maior dificuldade enfrentada foi a relação social entre os colegas. Diz que não



conseguiu ter uma relação duradoura com eles, por sempre confiar muito no próximo, sendo geralmente enganada e magoada várias vezes. Mesmo que Nenê nunca tenha conseguido construir uma relação de confiança no ambiente de trabalho, sempre foi muito bem acolhida pelas professoras do departamento.

O momento mais imprevisto de sua vida foi quando teve que enfrentar a morte de seus irmãos Maria do Socorro e Izaias Raimundo dos Santos. Ela conta que utilizar de sua frieza foi a melhor forma para enfrentá-los.

Eu perdi dois irmãos. Um por suicídio e outro, a minha irmã, por câncer de mama. Câncer de mama, ele é o quê? Hoje em dia é um câncer simples. Você se cuidando, ele tem cura. E eu perdi ela num momento também de depressão. Ela se entre-

gou à doença. “

**“TEM UNS
QUE EU TENHO
QUE LIDAR
COM UM POU-
CO DE FRIEZA,
PARA NÃO
LEVAR TÃO A
SÉRIO, POR-
QUE SE NÃO
EU CAIO.”**

Inalda ainda não compreende como o tempo podia ter sido tão cruel, levando embora a sua irmã ainda jovem.... Com apenas seis meses de sua morte, Nenê ainda sofre o luto indignada. O câncer de mama corroeu não só o corpo, mas a vida que ali pulsava. Acredita que Maria do Socorro tinha ainda muito a viver, mas a luta contra o câncer a desgastou em compa-

nhia da depressão.

“Ela foi curada mas ela não ia nas consultas, achava que não voltava mais e voltou. Aí morreu com 50 anos. Acho que ela era muito nova pra morrer. E o meu irmão, na época foi com 37, por opção dele. Ele quis aquilo. Tava doente... Porque hoje eu lembro aqui, eu trabalho aqui, e vejo muitos casos igual o dele.”

Inalda se reconhece como alguém feliz, mas a felicidade, ela sabe, não é sinônimo de satisfação. Dentro dela se estabeleceu um vazio, como uma sombra misteriosa, que ali se instalou de forma sorrateira pela falta daquilo que ela mais sonhava, os estudos. Apesar de todo dia acordar cedo para chegar na universidade, não é na sala de aula que entra. Inalda se encontra tão perto do seu sonho e tão longe ao mesmo tempo. 

ADRIANA BARBOSA

POR: GILCELIO, MARIA CLARA, SARAH



Na infância seus brinquedos favoritos eram areia, pedras e gravetos. Verdade seja dita: ninguém sabe aproveitar melhor a infância do que as crianças que nascem na zona rural. Só quem cresceu na zona rural vivenciou a inigualável sensação de liberdade e alegria de brincar na areia do terreiro de casa, de su-

bir em árvores, tomar banho nos barreiros e açudes, jogar futebol com bola feita de pano... É uma felicidade simples e autêntica que nenhum presente caro das crianças ricas da cidade grande consegue dar.

A infância de Adriana Barbosa Souza era tão completa, que ela mal tinha tempo para sonhar. Ou parafrasean-

do Como Nossos Pais, de Belchior: 'Viver é melhor que sonhar'. Não importava se as dificuldades de morar no Sítio Lagoa de Dentro, nas proximidades de São José da Mata, eram grandes. Se a água para as tarefas domésticas tinha que ser buscada em fontes distantes e trazidas usando latas e baldes; Ou Estudar era difícil porque a escola

mais próxima ficava a uma hora a pé, já que não havia ônibus escolar; Ou ainda, que o alimento tinha que vir, em maior parte, do que se plantava e que principalmente na época das estiagens a coisa ficava mais difícil.

Nada disso tirava a alegria de viver daquela menina. Filha de pais agricultores, Adriana compreendia, mesmo que intuitivamente, que a vida difícil da zona rural cria pessoas fortes e resilientes, mas não tristes. As tristezas vêm das decepções da vida. E isso pode afetar todos nós, seja no sítio ou na cidade. Seja rico ou pobre, vez ou outra, certas situações ruins podem surgir. E isso não foi diferente com Adriana.

Por volta dos 9 anos de idade, ela sentiu pela primeira vez seu chão ruir. A normalidade da sua inocente e alegre vida fora quebrada. Foi descoberto

que seu pai tinha um caso de amor com outra mulher, o que afetou Adriana e sua família para sempre.

“DA SENSÇÃO DE TER PERDIDO O CHÃO QUANDO O EQUILÍBRIO DAQUELA NORMALIDADE SIMPLES É QUEBRADO POR ALGUM FATO INESPERADO”

Ela, como a filha mais velha de seu José Lopes e dona Josefa Barbosa, percebeu logo que aquela situação mudaria seu mundo para sempre. Seu pai, a quem amava, que a pegava no colo e que a protegia, estava prestes a abandonar ela, seus irmãos e sua mãe para viver com outra pessoa. Como assim? Teria deixado de amá-los? Só Deus sabe quantas

perguntas rondavam a mente dela! Adriana foi tomada pela primeira vez de uma sensação de tristeza tão profunda que nem sequer queria sair do seu quarto, quanto mais brincar na areia do terreiro. Os outros quatro irmãos dela, Kantiana, Fabiana, Juan e Fiamma, talvez por serem bem mais novos, não sentiram tanto o impacto dessa quebra da relação dos pais quanto Adriana sentiu. O casal, para evitar desgastes emocionais nos filhos menores e vendo como a filha reagiu, resolveu não se separar de imediato, e a situação se arrastou até Adriana completar 15 anos. Mas o laço já estava quebrado e alianças deixadas de lado. Então, finalmente, o pai decidiu sair de casa e viver com a nova mulher, que agora lhe daria uma nova filha: Raiana.

Dona Josefa foi forte,

ou pelo menos trans- parecia isso diante das crianças. Assumiu a difícil missão de criar os 5 filhos: 4 meninas e um menino. Sozinha. Seu José, contudo, ajudava. Não os abandonou por completo, sempre dando assistência financeira e ajudando como podia. A convivência jamais foi a mesma, mas os laços com os filhos continuaram e as duas famílias de seu José eram assistidas por ele. Havia convivência e interação na medida do possível; tanto que Adriana começou a ajudar o pai no seu novo negócio: um bar. Seu José agora não era mais agricultor em tempo integral, mas jamais deixaria de ser pai, e fez de tudo para continuar presente na vida dos filhos que teve com dona Josefa, mesmo morando em outra casa com outra família.

Foi justamente por conta desse bar do pai, que a vida de Adria-

na começou a tomar um novo e inesperado rumo. Ali, aos 24 anos, conheceu Rosinaldo, que viria a ser seu marido e pai de seu único filho Cauã. Era um domingo à tarde, por volta de 2009, quando Rosinaldo saiu de sua cidade Puxinanã para marcar um bingo em Lagoa de Dentro, ali bem pertinho do bar de seu José Lopes. Entre olhares e conversas com a atendente enquanto comprava bebidas, surgiu um novo romance. Nos dias seguintes se encontraram para se conhecer melhor. Como toda moça da roça que se preze, os dois resolvem casar no civil.

**POUCO TEMPO
DEPOIS DO
NAMORO JÁ
FIRMADO,
ADRIANA
ENGRAVIDA.**



Afinal, não pegaria bem estar grávida sem estar casada e ainda continuar morando na casa da mãe com seus outros irmãos. Além do casamento, Rosinaldo correu para providenciar logo uma casa para a nova família que surgia. Foi construído ali mesmo em Lagoa de



Dentro. A casa era simples, feita poucos meses antes do filho nascer, e tinha o essencial: sala, cozinha, quarto e banheiro. Nada sofisticado ou muito amplo, mas aconchegante. Era, porém, um lugar que Adriana podia chamar de seu, e aquela sensação de completude vi-

venciada por Adriana quando criança finalmente começava a voltar. Mas assim como o sítio tem tempo de chuva e abundância e de seca e dificuldades, nem tudo são flores nos jardins da convivência humana.

“A NOVA VIDA A DOIS TROUXE DESAFIOS”

Rosinaldo ainda gostava de sair pra beber com os amigos igual fazia quando solteiro. Não demorou muito para ele, nestas saídas, entrar num novo romance. Ele tinha uma prima, com quem saía para baladas e bares junto com os amigos. E os dois acabaram se namorando. A normalidade da vida de Adriana sofreu uma nova ‘quebra’. E bem parecida com a primeira de quando ela tinha

9 anos. O marido a deixou sozinha com o filho ainda bebê, o foi viver com essa outra mulher. A lembrança da traição do pai, a sensação de abandono da infância, agora tudo parecia voltar. Adriana se viu sozinha para cuidar do filho pequeno, tal qual sua mãe com seus irmãos. Então, olha pra si mesma e vê sua mãe. Já sabe o que fazer. Havia aprendido com dona Josefa a ser resiliente, e em vez de lamentar resolveu lutar para garantir seu próprio sustento e do filho. Sem ter concluído sequer o fundamental, Adriana abraçou a oportunidade que lhe restara: trabalhar em casa de família, onde cuidava dos filhos da patroa e dos serviços domésticos em geral. Isso durou 5 anos. Nesse período, Adriana acolheu em sua casa também sua mãe, que agora vivia sozinha, já que os outros filhos já

havam saído de casa. Dona Josefa ajudava na criação do neto e ambas faziam companhia uma à outra. Em paralelo, Rosinaldo teve outros dois filhos com a nova esposa. Já Adriana motivada pelo seu grande amor de mãe, se concentrou em trabalhar e dar uma vida digna para seu filho, e nunca arranjou outro

marido.

Em 2016 Adriana chega à UEPB para trabalhar como zeladora na equipe de limpeza, na época administrada pela Empresa CriArt Serviços, que posteriormente foi substituída pela Alerta, atual detentora dos serviços de manutenção do prédio da Universidade Estadual da Paraíba. Já

faz 8 anos que ela trabalha neste ofício. “Gosto muito do meu trabalho aqui.” – Diz. Ela precisa estar no trabalho às 6 horas da manhã. Para isso precisa pegar 2 ônibus. Acorda todos os dias às 4:30 da manhã para deixar tudo certo em casa e se deslocar para o trabalho, que dura até as 4h da tarde. Adriana, como na juventude, não alimenta sonhos atualmente. Mas confessou que se tivesse mais estudo, gostaria de trabalhar como vendedora em alguma loja de roupas no Shopping, como uma de suas irmãs faz, demonstrando continuar sendo aos 40 anos uma mulher voltada à mesma simplicidade daquela menina que até os 9 anos brincava despreocupadamente no terreiro de casa.

Ela tornou-se uma mulher mais forte, decidida, independente e de bem com a vida. Transpira em suas palavras a energia de ser uma pessoa de valores como respeito, dignidade, honestidade,



fé e resiliência, e dá muita importância a transmitir isso ao filho, tanto pelo exemplo quanto por conselhos. Criou o filho sozinho até ele estar com quase 10 anos.

Há pouco mais de 5 anos atrás, Rosinaldo resolve tentar uma reconciliação com ela. Estava separado da outra mulher e agora os conselhos do seu pai, que sempre o pedia para ele voltar para Adriana, 'que é sua verdadeira esposa' finalmente foram ouvidos. O velho homem morreu com esse desejo no coração. Foi então que na missa de 7º dia do pai, que Rosinaldo resolveu convidar Adriana para irem juntos. Certamente ela iria de qualquer jeito, pois tinha um carinho especial pelo falecido sogro. Mas tinha ressalvas em ir junto com o ainda ex-marido. Talvez a perda do pai, o fez perceber a brevidade da vida e a completude que há no simples.

Ou quisesse honrar o

último desejo do falecido, ou nunca tivesse deixado de amar Adriana. O fato é que ele expôs seu desejo de voltar e de fazer diferente dessa vez. Adriana ficou martelando na cabeça todos os fatos e palavras. Pesando os prós e contras. Afinal, para quê arriscar? Estava com a vida equilibrada emocional e financeiramente.

Valeria a pena ressuscitar aquele amor de 10 anos atrás?

“REZOU A DEUS PEDINDO ORIENTAÇÃO E LIVRAMENTO – ‘SE FOR PARA SER COMO ANTES, QUE O SENHOR NÃO PERMITA QUE ACONTEÇA!’”

Tudo parecia favorecer a reconciliação, mas ela não aceitou de imediato: foram

muitas conversas e ela impôs algumas condições, como não beber ou sair para farrear.

Assim, depois de ponderar muito, e pensar como sempre, mais no filho que em si mesma, ela resolve aceitar o ex-marido de volta. Cauã já estava entrando na adolescência. Precisaria de uma presença de pulso masculina para ajudá-la na criação dele nessa fase. Por fim o casal voltou, e desta vez com aquela normalidade estável das coisas simples, mas felizes, apesar dos desafios rotineiros da vida.

Adriana aprendeu que as decepções e tristezas que afetam a todos nós uma vez ou outra na vida, podem trazer lições valiosas de crescimento se superadas com fé, amor, dedicação e trabalho. Torço para que essa sua história partilhada aqui inspire todos nós a fazer o mesmo. ✍️

ELIANE OLIVEIRA

POR JOSÉ EDNALDO, YAN RIKELME E JHULIA PEREIRA

O cotidiano nos cega para os detalhes mais profundos da vida que flui ao nosso redor. O motorista de ônibus que nos leva de um lugar a outro; o caixa do supermercado, que já está em pé horas antes de nos atender. Somos apressados, e a pressa rouba nossa percepção, nos afastando de histórias como a de Eliane da Silva Oliveira, uma mulher que, em silêncio, constroi uma narrativa de força, resistência e amor.

Aos 55 anos, Eliane carrega uma trajetória

enraizada em Campina Grande. Casada há 33 anos com José Maria Martins de Oliveira, relembra com carinho os tempos em que o conheceu. Naqueles

dias, as regras sociais eram rígidas. O amor era silencioso, quase proibido. “Meu pai me pegou beijando, e quando entrei em casa ele disse: ‘Tenha vergo-



nha!”, relembra rindo. O romance floresceu em meio ao “Assustados”, festa popular que movimentava a cidade na época e aproximou Eliane do homem que seria o seu companheiro de vida. Os convidados levavam comida, bebida e discos de vinil, indo às casas para realizarem as festas, as quais assustavam os moradores devido ao número de pessoas adentrando o local combinado. Com essa



magia festeira do amor que envolveu Eliane e José, o casamento veio em seguida contemplando uma história que surgiu no primeiro olhar.

Da união, vieram dois filhos: um motorista de aplicativo e uma técnica de enfermagem. E, como Eliane gosta de dizer, “três netos e duas netinhas”, a maior bênção que a vida lhe deu. Sua família, tal como suas memórias de infância, está firmemente ancorada no bairro da Palmeira, onde cresceu ao lado de cinco irmãos (três mulheres e dois homens) sob os

olhares de um pai rígido. Vaidosa, lembra com brilho nos olhos das “sainhas grampeadas” e do batom vermelho que usava, mas que, com o tempo, deixou de lado.

A vida de Eliane, como a de tantas mulheres trabalhadoras, foi marcada pelo compromisso com a família desde cedo. Aos 14 anos, começou a contribuir com a casa, e aos 19 teve sua primeira carteira assinada, em 1988, ano em que o Brasil promulgou sua nova Constituição, e com ela, leis e garantias aos trabalhadores.

A jovem Eliane vendia roupas na Maciel Pinheiro, no coração de Campina Grande, antes de passar por outras experiências, sempre lutando para equilibrar trabalho e vida familiar. Com mais de 20 anos de serviços prestados e com vasta experiência com limpeza e vendas, passou por várias empresas, como Criart Serviços, Ginga Modas, AGClean e por duas vezes o Grupo Aleta.

Sua jornada a levou até a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde, por mais de duas décadas, mantém as salas de aula limpas e prontas para receber os alunos. Entrou após ter trabalhado dois anos no Colégio Santa Mônica, no qual o diretor e dono, Professor Paiva, viu a sua dedicação e a recomendou através de uma carta de referên-

cia para a instituição de ensino superior.

Seu trabalho na Central de Aulas Paulo

“SOU RESPEITADA POR ALUNOS, FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES. ISSO É MUITO GRATIFICANTE”, CONTA ELA, COM O SORRISO DE QUEM SABE A IMPORTÂNCIA DE SEU PAPEL, MESMO QUE INVISÍVEL PARA MUITOS”

Freire, no mesmo local onde acompanhou e ajudou sua mãe, hoje aposentada, por tantos anos, é feito com orgulho e dedicação. Como uma boa campinense, reside até hoje na cidade em que veio

ao mundo e nem pensa em morar em outro lugar. O futuro? Eliane espera ansiosamente em se aposentar aos 62 anos, e junto do marido, comprar um carro. Um sonho simples, mas repleto de significados: mais tempo para os netos, mais liberdade para explorar o mundo além das fronteiras da Rainha da Borborema. “Eu quero um carrinho para viajar com meus netos”, diz.

A história de Eliane da Silva Oliveira é a história de muitas mulheres: invisíveis aos olhos da sociedade, mas gigantes na construção de suas famílias e na manutenção da vida ao redor. Eliane é grata por tudo que conquistou, e sua jornada ainda não terminou. Ela, com muita simpatia e força de vontade, continua a inspirar com sua alegria espontânea, mas poderosa. 



AL
CONSERVADORA EUROPEA
FONE: 08 00 556 1700

LADY DAYANA

POR EDUARDA QUEIROZ, FERNANDO PEREIRA E JONAS SOUZA

Dom Pedro 1º foi “dono do Brasil” por alguns anos, e com a modernidade seu nome ficou estampado em vários lugares como homenagem. Vejamos: O Hospital Pedro I, em Campina Grande, é um desses recintos e foi lá onde nasceu Lady Dayana. Recebeu o nome da mãe, que talvez faça referência a princesa Diana, mas Lady não tem coroa, nem vive de lembranças distantes. Ela nasceu há 35 anos e desde então, sua vida é feita de jornadas diárias que a levam para longe dos contos de fadas e a aproximam da realidade.

Tudo começou a mudar quando seus pais se separaram, e ela fi-



cou apenas com a mãe e os irmãos: Viviane e Leandro. Porém, o contato com o pai nunca deixou de existir, apesar de não ter uma convivência diária. O pai é taxista e passa a maior parte do tempo perto da Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição. Enquanto seu pai se aproximava de Nossa Senhora, Lady se aproximava da igreja evangélica. A vida religiosa



de Lady começou a tomar um rumo a partir desse paradoxo religioso. Após a separação conjugal, a mãe de Lady começou a conviver com a depressão, a procura por um alívio espiritual e em busca de frear a doença, a sua mãe aceitou o convite da irmã para frequentar a igreja evangélica e, desde então, a família de Lady se encontra nesse mundo religioso.

Lady estudou em escola pública durante toda a sua trajetória educacional, terminou o ensino médio na instituição Senador Humberto Lucena, no bairro Novo Cruzeiro, e aprendeu, desde cedo, que para sobreviver, não bastava apenas sonhar. Os sonhos precisavam ser sustentados por trabalho. Viveu uma década com um fone de ouvido preso à cabeça e a voz repetida no atendimento de telemarketing. Foram anos na AeC, ouvindo reclamações, contornando problemas e re-





solvendo o que podia, enquanto seus próprios problemas pareciam não ter solução imediata. Foi no dia oito de março de 2023 que nossa personagem mudou de trabalho.

Neste dia, começou a trabalhar na função de serviços gerais na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Um novo começo, ainda que modesto, mas cheio de significado. Era o primeiro dia de uma jornada que, como tantas outras em sua vida, teria que ser equilibrada com as responsabilidades de casa.

Ela conheceu o seu marido nos acasos da

vida ou, nos acasos da rua onde morava. Ele servia ao exército que, na época, tinha suas instalações na mesma rua em que a “princesa” de nossa história residia.

‘ELA VARRE, LIMPA E ARRUMA, MAS SUA HISTÓRIA NÃO ESTÁ NO CHÃO QUE LIMPA.’

Para Lady, aquele homem fardado chamava bastante atenção indo e vindo pelas calçadas que logo os uniam. Com o tempo, eles acabaram se encontrando, se conheceram melhor, noivaram e casaram.

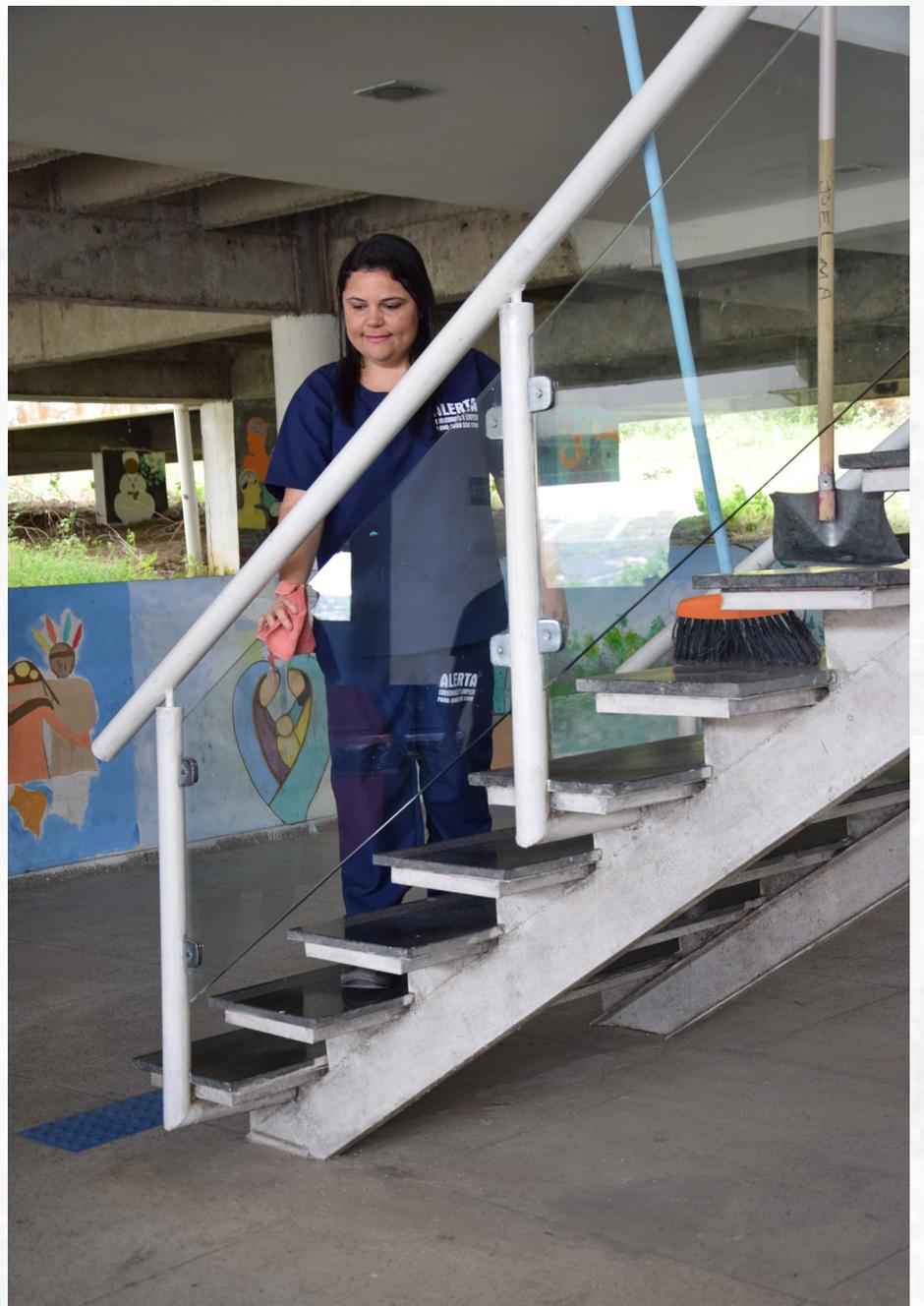
O militar hoje é pastor evangélico. Eles tiveram dois filhos. Lady vive entre a fé e a rotina. Jesus Cristo é o norte que guia sua vida, enquanto ela faz malabarismos entre o trabalho, o cuidado com a família e a devoção ao ministério de seu marido. A vida de Lady é uma dança cuidadosa, onde o tempo e a energia são divididos de maneira quase milagrosa.

Ela precisa utilizar dois ônibus para chegar às seis e meia da manhã na Universidade, e pegar mais dois para voltar para a sua residência. Como o

destino é irônico, ela poderia utilizar de transportes da realeza como Dom Pedro I e Diana usavam, porém, como, para ela, tudo isso é no mundo das ideias, Lady segue seu destino nos coletivos lotados disponibilizados pela oligarquia da prefeitura de Campina Grande. Está nas orações silenciosas que faz enquanto realiza suas tarefas, nos olhares que troca com os filhos quando volta para casa, e na paz que sente quando se ajoelha no templo ao lado de seu marido.

Lady não carrega coroa, mas carrega fé.

E, para ela, isso é o suficiente para seguir, todos os dias, com a certeza de que, assim como ela, a vida continua, mesmo que nem sempre seja igual as histórias de imperadores e princesas. 🧹



LUCIMARA MARIA

POR DIEGO PRAZERES, ARTHUR DMYTTO, SIMONE FERREIRA

Lucimara Mariana de Mendonça, ou Mara, é um exemplo de resiliência, força e otimismo. Nascida em Campina Grande, há 33 anos, Mara representa a jornada de milhares de mulheres brasileiras que enfrentam desafios diários em um cenário de adversidades. De família humilde, moradora do bairro do Tambor, com duas irmãs criadas pelos avós, desde cedo precisou lidar com as dificuldades da vida, marcada pelo trabalho árduo, pelas responsabilidades precoces e pela luta constante para ter

uma vida melhor.

Sua mãe trabalhava em casa de família e após a separação com seu pai, ela quis ficar com a avó pois a mãe foi morar em Alagoa Nova.

“MARA REPRESENTA A JORNADA DE MILHARES DE MULHERES BRASILEIRAS QUE ENFRENTAM DESAFIOS DIÁRIOS EM UM CENÁRIO DE ADVERSIDADES.”

Aos 11 anos, Mara começou a vida trabalhando como empregada doméstica. Enfrentou a realidade

de do trabalho árduo, experimentando diferentes funções ao longo dos anos. Atuou como operadora de caixa em lanchonete e até panfletista nas ruas da cidade. Embora esses trabalhos fossem desafiadores, Mara nunca esmoreceu. Sua determinação e desejo de proporcionar um futuro digno foram a força motriz por trás de sua incansável luta.

Aos 17 anos, conheceu o pai de sua primeira filha, fruto de um relacionamento conflituoso, abusivo e agressivo, traumas que Mara carrega até hoje. Não trabalha-

vam na época, por isso decidiram sair de Campina Grande rumo ao sul do país em busca de oportunidades. Graças a parentes do marido desembarcam em Blumenau, no estado de Santa Catarina, onde ficam por dois anos. O relacionamento não durou em decorrência de uma traição do marido.

Ela acabou voltando para a Paraíba, motivo que fez seu marido também voltar, pois segundo ele “não ficaria lá sem ela”.

Tentaram reconciliação, mas com o tempo ela viu que não dava mais para aguentar a violência. O relacionamento acabou e Mara tentou novos caminhos. Hoje vive um relacionamento

tranquilo, ao lado do atual marido e suas duas filhas.

Com seu espírito batalhador, Mara encontrou na profissão de auxiliar de serviços gerais, a oportunidade de estabilizar sua vida. Conseguiu um emprego na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por indicação de uma amiga para cobrir as férias de uma funcionária. Sua dedicação e profissionalismo lhe garantiram a efetivação no cargo. A comunidade universitária desempenhou um papel fundamental nos primeiros anos de trabalho na universidade. Morando de aluguel e com poucos recursos, ela contou com a solidariedade dos colegas, que a ajudaram com cestas básicas e a contratação de seus serviços para faxinas. Aos poucos, Mara foi conquistando seu es-



paço e hoje é respeitada e admirada por todos no campus. Ela expressa um profundo orgulho por sua profissão e acredita na importância do trabalho que realiza, sempre com um sorriso no rosto e uma disposição contagiante.

Além de ser uma profissional dedicada, Mara é uma mãe extremamente zelosa e empenhada em garantir um futuro melhor para suas filhas, onde já realizou um de seus sonhos: o de adquirir a casa própria, conquistando o espaço onde oferece conforto e estabilidade às meninas. Ela também incentiva as filhas a estudarem com afinco, para que possam ter oportunidades que ela não teve, sonhando que um dia possam ingressar na universidade onde trabalha.

Apesar dos obstáculos, Mara nunca perdeu a esperança e sempre se manteve otimista. A vida lhe trouxe muitos desafios, mas ela os enfrentou com coragem e determinação. Sua história não é apenas a de uma mulher que batalha para sobreviver; é também a de alguém que busca transformar sua realidade e a de suas filhas.

“A FIGURA DE MARA REPRESENTA A FORÇA FEMININA EM SUA ESSÊNCIA: UMA MULHER EMPODERADA, CONSCIENTE DE SEUS DIREITOS E QUE LUTA POR EQUIDADE DE GÊNERO”.

Esse empoderamento que Mara personifica, não é apenas uma palavra, mas sim uma prática diária. Ao longo da vida, ela superou a violência

psicológica, física e o abandono, ajudando outras mulheres a enfrentarem traumas semelhantes. Com suas experiências pessoais, ela oferece apoio às amigas, motivando-as a superarem relacionamentos abusivos e a buscarem independência e respeito. Mara sabe, mais do que ninguém, o que é se reerguer após os traumas e acredita firmemente que as mulheres podem ser mais fortes.

Mara é o retrato de uma mulher guerreira, batalhadora e inspiradora. Sua trajetória de vida, é uma prova da força e da resiliência de tantas mulheres brasileiras que, como ela, não se permitem abater pelas adversidades e seguem firmes em seus objetivos, sempre com amor, alegria e esperança. 



SOLANGE BARBOSA

POR CECÍLIA SALES E VITÓRIA SOUSA.

Solange poderia ter nascido em qualquer lugar, mas é filha da Rainha da Borborema, Campina Grande. Sua história se assemelha à de tantas outras mulheres que, com os pés no chão e o peso do mundo nas costas, continuam seguindo adiante. Aos 56 anos, Solange Barbosa da Silva carrega no corpo e na alma as marcas de uma vida cheia de desafios. Seus olhos, tranquilos e determinados, já testemunharam muito, já sentiram muito. Hoje, casada e com 3 filhos, ela conta sua história e como tudo começou.

Solange e Aroldo Raimundo da Silva cruzavam a mesma rua há muito tempo, mas o destino, com seus caprichos insondáveis, os manteve afastados até que chegasse o momento certo para unir seus caminhos. Foi só

depois de dois anos de silêncio, após o fim de um antigo amor, que o eco da ausência começou a soar no coração de Solange. E foi então que Aroldo chegou, sem pressa, como quem sabe que a aproximação precisa do seu



próprio ritmo, da calma que apenas uma conexão destinada a durar décadas exige. Menos de um ano de ternura e carinho foi suficiente para que aquela estrada, antes solitária, se transformasse na rota de um casamento sólido e sereno, onde juntos construíram o que mais prezam: sua maior riqueza.

Dessa união nasceram três filhos, cada um carregando em si uma porção do que há de mais precioso em



Solange e Aroldo. Sabrina, a primogênita de 27 anos, trilhou um caminho árduo para se tornar quem é hoje: uma fisioterapeuta dedicada à saúde pulmonar. Foi na pandemia de COVID-19, em meio ao turbilhão de medo e incerteza que envolveu a juventude ao redor do mundo, que Sabrina se viu lançada ao epicentro do caos. No hospital onde trabalhava, cercada por tantas vidas que lutavam para respirar, ela encontrou o propósito que guiaria sua jornada de servir.

Lucas, aos 25 anos, sonha com o curso de medicina. Mas, como acontece com tantos jovens sem privilégios, o preço desse sonho é alto, e ele ainda trilha o caminho até lá. Formado em enfermagem, ele mantém firme a determinação de alcançar sua meta. Já Sayonara, a caçula, está distante da família neste momento, estudando medicina veterinária em Patos, também na Paraíba.

A distância é uma angústia para Solange, que sente o coração apertado toda vez que recorda a última vez

em que a filha adoeceu e ela não pôde estar por perto para envolvê-la com seus cuidados maternos. Felizmente, Sayonara já está bem, mas a inquietação persiste, pois uma mãe zelosa nunca deixa de querer proteger seus filhos, mesmo quando eles alçam voo.

**“NA INFÂNCIA,
SOLANGE CRESCER
NO ACONCHEGO DA
PRÓPRIA CASA”,**

Movendo-se apenas entre o lar e o colégio, sem muito contato com o mundo lá fora. As amigas da infância nunca chegaram, e suas tardes eram sempre preenchidas pela companhia da mãe. Talvez por isso ela sinta que não viveu plenamente essa fase... Não que se sentisse completamente solitária, mas era assim que as coisas eram.

Os sorrisos, no entanto, brotam quando recorda a juventude. “Ah, Jesus, se minha juventude voltasse,” pensa, quase como um sussurro que a acompanha. Lembra dos tempos de escola, no Ensino Médio, e de como, dali em diante, as amigas começaram a surgir com tanta facilidade. Amigas como as de Francicleide e Francineide, que guarda até hoje como preciosidades. Vêm à mente as vezes que ia até a secretaria e o quanto gostava de estudar. Ainda assim, por conta das crises de ansiedade, só conseguiu concluir o Ensino Médio quando já era adulta, aos 48 anos, impulsionada pelo incentivo de quem mais acreditava nela: seus amados filhos e marido. Para ela, aquele diploma representava mais que uma conquista acadêmica; era uma vitória sobre si mesma, um presente que ela se

ofereceu com orgulho e determinação.

Há 12 anos ela trabalha na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) fazendo a limpeza diária do espaço do prédio Paulo Freire. Pega às seis e meia da manhã e termina o trabalho às quatro da tarde, junto a outros funcionários da equipe.



Gosta demais de trabalhar na Universidade, lugar onde fez muitas amizades que alegram seu dia de expediente. “Antes, eu não tinha alegria, mas depois que eu vim trabalhar aqui, eu virei outra pessoa! Até minhas cunhadas dizem, ‘mulher, tu mudou demais!’”. E ela é feliz da vida com isso.



É conhecida por suas colegas de trabalho por gostar de conversar demais. Diz que só é feliz porque conversa.

Mas nem sempre a vida de Solange foi assim, fácil de falar sobre.

Esse sorriso às vezes vacila e ameaça deixar seus lábios, como quando acessa na me-

“ESSE SORRISO ÀS VEZES VACILA E AMEAÇA DEIXAR SEUS LÁBIOS, COMO QUANDO ACESSA NA MEMÓRIA ALGUNS DOS EVENTOS DIFÍCEIS QUE VIVENCIOU. A OPERAÇÃO DE SUA MÃE”.

mória alguns dos eventos difíceis que viveu. A operação de sua mãe após ter adoecido; os três anos que sua avó passou acamada; a doença de seu pai – cadeirante por 20 anos – e a recente morte desse homem tão importante em sua vida é uma

das dores que enfrenta. Situações como essas geram intensos estresses a qualquer mente, mesmo nas mais sãs. E perdas como essa deixam feridas que não se fecham tão facilmente no interior de alguém.

Sua mãe, agora sozinha, depende justamente de Solange, sua única filha. Solange dá graças a Deus por seus filhos a ajudarem tanto, principalmente Lucas, que é seu maior suporte nesses momentos de necessidade. Em casa, ele faz tudo: cozinha, cuida delas e faz o que pode para aliviar o trabalho da mãe.

O cachorro que sua filha Sabrina trouxe para casa, Theo, é a felicidade diária de Solange. Igual a muitos outros clichês familiares: o animal chegou à casa, a princípio indesejado, mas logo a cativou e é igualmente louco por ela. Além disso, a pequena criatura tornou-se uma ótima

companhia para a mãe de Solange após a morte de seu pai.

Nas escolhas de vida, Solange demonstra que é mulher forte. Teve e ainda tem seus momentos de fragilidade e batalhas a enfrentar, como todo ser humano, é claro, mas em momento algum deixa escapar a oportunidade de reforçar o quanto é uma pessoa alegre, satisfeita com a vida e grata por sua família e por tudo que construiu até aqui. A urticária nervosa que a atacou durante esses tempos parece que foi a resposta de um corpo cansado de aguentar firme, mas um corpo que é templo de um ser que nunca deixou de ter fé, que nunca deixou de agradecer pelo que tem.

É uma mulher de gestos simples, mas que carregam grandeza. Ela oferece o que tem, na mesma medida em

que recebe o que precisa. Nunca deixa ninguém sair de perto de si com fome, seja física ou emocional. Um biscoito para quem tem fome, um café para quem está triste, afeto para quem precisa. Se não for para ajudar, não é Solange. Para ela, a vida é feita de trocas, e o que se faz de bom aqui, sempre retorna, e não precisa ser visto pelos outros, mas por Deus. É através da comunicação que criamos laços, e são os laços que criamos e cultivamos que nos inspiram a continuar vivendo. E assim, de coração aberto, ela segue. Porque sabe que, apesar das provações, o que realmente importa nesse caminho da vida, é o amor que construímos com os outros. É esse laço invisível e resistente que nos une e sustenta, que as dificuldades não conseguem desatar. ✍️

ALERTA
CONSERVAÇÃO E LIMPEZA
FONE: 0800 557 111



JUSSARA SANTOS

POR: JHIAN FELIX E VINICÍUS ALVES



Os três filhos são os amores da vida de Jussara. Rodrigo Gabriel, Wriel e Laylla Saphira lhe deram o título que ela mais se agrada, são sua “razão de viver”. Jussara Santos, mulher preta, paraibana, trabalhadora e dona de casa, carrega uma história de vida cheia de pedras no caminho. Durante a nossa conversa ela revisitou o passado e fez declarações das quais, se pudesse, gostaria de esquecer.

Sua infância e adolescência foram períodos marcantes de sua vida. Seu pai, José Joaquim, um homem consumido pelo vício do álcool, que frequentemente agredia sua mãe, Rosalva Maria, diante dela e de seus irmãos. Essa era a realidade cruel que moldou a infância dessa mulher.

A violência doméstica tornou-se uma sombra constante em suas memórias. Desde pequena, Jussara foi testemunha de atos que deveriam ser inimagináveis em um lar. Em um dia que ficou gravado em sua memória como um pesadelo, seu pai expulsou toda a família de casa. A única coisa que sua mãe conseguiu levar foram os filhos. E mesmo diante da dor e da traição, Rosalva se recusou a permitir que o ódio tomasse conta de seus corações. Ela ensinou a Jussara e seus irmãos que, apesar de tudo, Joaquim continuava sendo o pai deles e que abandoná-lo não era uma opção.

A força silenciosa de Rosalva se tornava uma luz em meio à escuridão, mostrando que o amor pode resistir até mesmo às circunstâncias mais adversas. Com isso, Jussara e sua irmã Juliana sempre retornavam à casa do



pai para realizar os afazeres domésticos, enquanto seu irmão Joalisson ficava aos cuidados de vizinhos próximos, para que a mãe pudesse trabalhar.

Naquela época, Rosalva exercia a mesma profissão que sua filha exerce atualmente: trabalhava como doméstica até conseguir um emprego de faxineira no Hospital João Ribeiro, em Campina Grande. Com muito esforço e dedicação, ela conquistou seu espaço e se tornou técnica de enfermagem. Após o período em que a casa

da família ficou sob a posse exclusiva do pai, o padrasto de Jussara ajudou a adquirir a parte que pertencia a Joaquim. Assim, a família pôde retornar ao lar, enquanto seu pai partiu.

Aos 15 anos, a vida de Jussara sofreu outra reviravolta. Sua mãe, acreditando em uma mentira contada por um primo, que afirmava ter tido relações sexuais com a jovem, tomou uma decisão apressada: ainda era de madrugada quando jussara teve que fazer as suas malas e viajar

em um caminhão ce-gonha, acompanhada apenas por uma amiga até São Paulo. A atitude de Rosalva foi interpretada por Jussara como um sinal de desprezo, que com o passar do tempo resolveu colocar uma pedra nessa história.

Ao chegar à casa da tia em São Paulo, Jussara se viu encarregada de cuidar dos primos menores e dos afazeres da casa. Nesse período, ela conta que o primo mais velho transformava seus dias em um verdadeiro inferno, chegando ao ponto de colocar drogas em sua bebida. Conturbada, ela se via cada vez mais sozinha e doente e enfrentou por quase três anos essa realidade cruel e confusa.

No entanto, as coisas começaram a melhorar quando Jussara foi acolhida na casa de outro parente que também morava em São Paulo: um irmão de Rosalva. Nesse período ela completou 18 anos

e sem trabalho e estudo decidiu voltar para Campina Grande.

“A TRAJETÓRIA DE JUSSARA É UM TESTEMUNHO PODEROSO DE RESILIÊNCIA E AMOR”.

Com apenas alguns meses desde o retorno à sua cidade natal, Jussara descobriu sua primeira gravidez. Infelizmente, aos oito meses de gestação, enfrentou um parto prematuro dentro de um táxi e a criança nasceu morta. Ela menciona que seu filho teria 20 anos se estivesse vivo. Dois anos depois, nasceu Rodrigo, que trouxe felicidade ao lar. E depois de três anos, veio Wriel. Jussara conta que os pais de ambos os filhos não quiseram assumir a responsabili-

dade e abandonaram a relação.

Seguindo adiante, Jussara enfrentou a dor de perder mais duas crianças, ambas meninas. Uma delas nasceu com problemas cardíacos, enquanto a outra foi resultado de uma gestação molar: uma condição complicada que ocorre devido a problemas na fertilização do feto, resultando em sua morte. Essa experiência foi tão difícil que acarretou o início de um câncer de útero. No entanto, após tratamento e biópsia, a alegria voltou à sua vida com o nascimento da filha caçula: Laylla Saphira.

Separada há quatro anos devido à violência doméstica, Jussara decidiu reatar o relacionamento com Ricardo Pedro, o pai de Laylla Saphira. No entanto, a relação não durou muito e, mais uma vez, o motivo foi o mesmo. Em uma noite que Jussara saiu com algumas amigas, Ricardo a se-

guiu e começou a agredi-la na frente de todos, desferindo chutes na cabeça. Ele só parou as agressões quando lhe deu uma rasteira, fazendo com que Jussara ficasse desacordada no chão. Após esse triste dia, ela decidiu que era hora de pôr um ponto final nessa história de uma vez por todas.

Ao se separar, Jussa-



ra ficou sem nenhum apoio financeiro e enfrentou um momento muito difícil. Jussara revelou que cogitou tomar uma atitude drástica — algo que preferiu não compartilhar em detalhes — mas sabia que essa não era a solução correta.

Foi então que sua mãe apareceu como um raio de luz em meio

à tempestade.

“LEVANTA A CABEÇA, MINHA FILHA! VOCÊ NÃO MERECE ISSO. VOCÊ AINDA TEM SEUS FILHOS. SE LEVANTE!”

Essas palavras ressoam profundamente em Jussara, fazendo-a olhar para cima e se dirigir a Deus: “Senhor, se for para ser, que assim seja; se não for, leve-me para longe e me ajude a criar meus filhos — eles merecem um milagre mais do que ninguém.”

A ajuda de Rosalva foi um ponto crucial na vida de Jussara. Ela destaca esse apoio como inesperado, mas fundamental para que pudesse se reerguer. Hoje, a família de Jussara consegue vislumbrar um futuro melhor, livre das violências que marcaram seu passado. Essa transformação traz esperança e a certeza de que é possível construir um novo

caminho, repleto de amor e paz.

A história de Jussara se entrelaça com a de muitas mulheres que, na mesma situação, talvez não encontraram a coragem e a força necessárias para se reerguer e recomeçar. Hoje, Jussara se considera vitoriosa, e essa conquista ela entrega a Deus, que é o pilar fundamental de sua vida. Sua fé inabalável brilhou em cada palavra. Com carinho e determinação, ela demonstra que faz tudo o que é preciso pela família que construiu.

Os sonhos dos filhos de Jussara são grandes: Rodrigo e Wriel aspiram a se tornar jogadores de futebol, enquanto Laylla Saphira sonha em ser cantora. Mas, para Jussara, existe um único desejo que supera todos os outros: ver seus filhos realizados e felizes. Para ela, essa realização é tudo o que importa, e a felicidade deles é o seu maior tesouro. ✂



MARIA DE LOURDES

POR: DE MARIA AMADA E ANDREI

Natural de Massaranduba – cidade localizada na região metropolitana de Campina Grande, PB, Maria de Lourdes dos Santos Silva, 56, faz parte do quadro de funcionários de limpeza da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Trabalhando na instituição há mais de 14 anos, antes de conseguir esse emprego ela trabalhava como empregada doméstica em uma casa de família.

Lourdes é uma das filhas mais novas de uma família numerosa. Seus pais tiveram 21 filhos quatro mulheres e dezessete homens, hoje

em dia apenas 13 dos 20 irmãos de Lourdes estão vivos.

“EU NÃO GOSTO DE SER CHAMADA DE DONA LOURDES, ELA É A LOURDES”

Devido à conflitos entre seu antigo patrão e sua família, seu Severino – pai de Lourdes, decidiu mudar-se para Campina Grande, quando ela tinha apenas três anos de idade. Graças à bondade de seu Pedro e Maria – um casal dono de uma pe-

quena mercearia localizada no Bairro Santa Rosa, e que acolheram a família de Lourdes, seu Severino conseguiu um trabalho em um roçado que ficava no Sítio Lucas.

Ela faz questão de afirmar que sua infância foi simples, humilde “pobre não, que pobre é o diabo”; mesmo perdendo seu pai aos 8 anos de idade devido a um infeliz acontecimento. Seu pai morreu no caminho do hospital depois de se engasgar e passar mal na hora do almoço. Mas antes da morte do seu pai, Lourdes conta que teve uma infância alegre, humilde e bem vivida e re-

corda com muita nostalgia essa época. “Foi muito maravilhoso para mim, o melhor período da minha vida foi ter minha família toda junta”, relembra Lourdes contando o tempo em que ela e toda sua família iam visitar o pai no trabalho e, durante o trajeto brincavam de casinha, com latas de doce e alguns melões que encontravam no meio do caminho. A família da pequena Lourdes era numerosa, porém foram educados muito bem e todos demonstravam respeito e afeto um ao outro.

Após a morte do pai, sua mãe e seus irmãos mais velhos tomaram conta de toda a família. Aos 11 anos de idade, Lourdes começou a cuidar de Sandra – filha de seu Severino e dona Irene, que eram comadres de Maria José, a mãe de Lourdes. Esse casal acolheu Lourdes e foram responsáveis por colocá-la na escola. Com o passar dos anos Lourdes descobriu o que era o amor e se apaixonou. No começo da relação ela relata que sua mãe e seus irmãos não a apoiavam, mesmo assim seguiu com a ideia e se casou aos 18. O matrimônio só foi oficializado no cartório, ela não chegou a se casar na igreja, Dona Irene e seu Severino lhes presentearam com um vestido para o dia do casamento e logo depois disso ela foi morar numa casa que a própria mãe lhe deu de presente. Lourdes conta que no início tudo foi mágico e que não se arrepende de ter feito essa escolha na sua vida, mas que se fosse hoje em dia ela não faria. Ela e seu ex-parceiro tiveram quatro filhos: Luegida, 38 anos, Luana, 36, Luan, 35 e Wanderson com 34. Todos são casados e apenas Luan não quis ter filhos.



Depois de 28 anos casada, decidiu se divorciar por conta do desgaste da relação e da traição do seu ex-companheiro. Segundo ela, depois de 18 anos juntos ele começou a beber e agredir ela e seus filhos verbalmente, era uma relação que estava chegando ao fim.

Mas isso só aconteceu anos depois, quando ela finalmente tomou coragem e decidiu por um ponto final na relação. Isso só aconteceu graças a uma amiga que pegou em flagrante o marido de Lourdes a traindo, e pediu para um fotógrafo da época tirar uma foto e enviou diretamente para ela “Pronto, depois disso o casamento virou nada”detalha ela.

Foram anos sofrendo e chorando sozinha em casa com medo da reação do marido ao pedir o divórcio e também por medo do julgamento das pessoas.

Lourdes conta que passou muitos anos na relação principalmente por conta dos filhos, pela criação dos filhos.

Ao tomar a decisão de pedir o divórcio Lourdes enfrentou o medo e a ira do esposo, que não aceitava sair da casa, casa essa que foi da mãe de Lourdes (tinha mais que um apego por parte dela, tinha valor sentimental pelo lar).

O mesmo não aceitava o divórcio e muito menos sair de casa. Lourdes insistia para que ele fosse embora de casa, o mesmo não aceitava. Depois de muita insistência, mas sem retorno, ela decide sair de casa “Não tinha mais estômago”. Com o apoio dos filhos, Lourdes conseguiu um apartamento de aluguel e saiu do convívio do ex-com-

panheiro.

Hoje ela namora, mas mora sozinha alegando que é muita pressão



morar junto com seu parceiro.

“Eu tenho um namorado, ele na casa dele e eu na minha, a gente tentou ficar juntos dois meses, mas não deu certo, então a gente ficou desse jeito mesmo”. Quando questionada sobre algum momento marcante em sua vida, Lurdes se emociona em falar da perda recente de sua mãe – que era um pilar em sua vida. “Agora faz nove meses que perdi minha mãe, posso viver 200 anos ou mais eu não vou esquecer da perda que tive, a pior coisa da minha vida foi perder minha mãe.” Ao longo da entrevista, Lurdes fala de outro grande momento marcante, mas dessa vez um momento feliz. Com certa dúvida e um pouco de vergonha, ela fala que um dos momentos mais felizes de sua vida foi

a separação com seu antigo parceiro que, no início foi conturbada, pois ele ficava a perseguindo sempre e só parou de persegui-la depois que ela tomou medidas protetivas contra ele.

Além relatar esses fatos, Lurdes fala que tem muito orgulho do seu trabalho e sempre enfatiza o fato de ser

**“TUDO QUE
EU TENHO
É POUCO,
MAS É CONS-
TRUÍDO POR
MIM...”**

uma mulher livre e independente.

“... se você chegar na minha casa e perguntar: Lurdes, e isso que você tem? Eu comprei! Com meu dinheiro, e ralei, trabalhei, não vivo escorada emnin-

guém até porque eu não gosto e nem nunca quero deixar eu ser dependente de ninguém, eu sou dependente de Deus... eu agradeço a Deus.” Adepta ao catolicismo, Lurdes fala que não é uma praticante fervorosa da religião – segundo ela, ela não é aquela pessoa que vive 24 horas na igreja, mas sempre coloca Deus em suas palavras. A fé em Deus é uma marca registrada no vocabulário da avó de 56 anos. Com quatro filhos (e seis netos, Lurdes relata que o tempo com a família é muito precioso.

Ela também fala que seus filhos não se metem na sua vida pessoal, pois quem paga suas contas não são eles. Quando perguntamos qual palavra ou frase define Maria de Lurdes dos Santos Silva, ela fala: EU SOU MULHER GUERREIRA! ✂